

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA DE OLIVEIRA

MUSEU DO DESENHO DA CRIANÇA: UM OLHAR SOBRE O
GRAFISMO INFANTIL

GUARULHOS

2018

ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA DE OLIVEIRA

**MUSEU DO DESENHO DA CRIANÇA: UM OLHAR SOBRE O
GRAFISMO INFANTIL**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciando em Pedagogia
Universidade Federal de São Paulo
Orientação: Profa. Dra. Betania
Libanio Dantas de Araujo**

GUARULHOS

2018

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

OLIVEIRA, ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA DE.

Museu do desenho da criança: um olhar sobre o grafismo infantil/ Rosangela Rodrigues Vieira de Oliveira. – Guarulhos, 2018.

56 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, 2018.

Orientador: Betania Libanio Dantas de Araujo

Museum of the child's drawing: a look at childhood graphism

1. Desenho da criança. 2. Desenvolvimento cognitivo. 3. Imaginação. Araujo, Betania Libanio Dantas de. I. Título.

ROSANGELA RODRIGUES VIEIRA DE OLIVEIRA

**MUSEU DO DESENHO DA CRIANÇA: UM OLHAR SOBRE O
GRAFISMO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciando
em Pedagogia pela Universidade
Federal de São Paulo.

Orientador: Profa. Dra. Betania
Libanio Dantas de Araujo

Aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Betania Libanio Dantas de Araujo
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Profa. Dra. Mariangela Graciano
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos

Dedico este trabalho aos meus pais, pela oportunidade de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização dessa pesquisa, fazendo com que rendesse frutos e se tornasse real.

À professora Betania, que me orientou durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa, resultando em reflexões e momentos de conversas.

À minha querida mãe Maria Aparecida (in memoriam) e ao meu pai Élis que sempre foram meus maiores exemplos. Meu muito obrigada por motivarem-me, pelas orações em meu favor, pela preocupação e dedicação dispensadas a mim. Por sempre me apoiarem para que eu alcançasse os meus objetivos.

À minha filha Lara, que apesar de sua pouca idade soube compreender a minha ausência para a elaboração deste trabalho e ao meu esposo Wagner pela compreensão e paciência.

“Pensamos demasiadamente e sentimos muito pouco.
Necessitamos mais de humildade que de máquinas.
Mais de bondade e ternura que de inteligência.
Sem isso, a vida se tornará violenta e tudo se perderá.”

Charles Chaplin

RESUMO

Este trabalho objetiva relatar a minha participação na PPP (Prática Pedagógica Programada) *Museu do desenho*, que direciona o olhar ao desenho da criança e procura, através de pesquisa bibliográfica, comprovar a contribuição do desenho no desenvolvimento cognitivo da criança. Para que isso fosse possível foi realizada uma verificação bibliográfica sobre o tema, levando-se em consideração que o desenho também envolve aspectos cognitivos e emotivos, na medida em que os traços dão forma ao pensamento, o que leva ao conhecimento e modificam conforme a criança se desenvolve. Procurou-se analisar também, nesse estudo do desenho, como as crianças se desenvolvem ao desenhar, como imaginam enquanto traçam as suas significativas linhas. Portanto, este trabalho intenciona destacar a importância do grafismo, na cognição infantil, e também entender que este é uma forma de linguagem própria da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho da Criança; Desenvolvimento Cognitivo; Imaginação.

ABSTRACT

This work aims to report my participation in the PPP (Programmed Pedagogical Practice) Museum of drawing, which directs the look at the child's drawing and seeks, through bibliographic research, to prove the contribution of drawing in the child's cognitive development. For this to be possible, a bibliographic verification was carried out on the subject, taking into consideration that the drawing also involves cognitive and emotive aspects, as the traits give form to the thought, which leads to the knowledge and modify as the child develops. We also tried to analyze, in this study of drawing, how children develop by drawing, as you imagine, as they draw their significant lines. Therefore, this work intends to highlight the importance of graphics in children's cognition, and also understand that this is a form of language of the child.

KEYWORDS: Child's drawing; Cognitive development; Imagination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O que cabe dentro de um lápis - Quino

Figura 2 -

Figura 3 - Desenho de criança (grifo meu) Helduentzat egindako haurren marrazkien zentzugabekeriaz

Figura 4 - Acervo da autora

Figura 5 - Acervo da autora

Figura 6 - Acervo da autora

Figura 7 - Acervo da autora

Figura 8 - Acervo da autora

Figura 9 – Kaue, 8 anos

Figura 10 - Eloisa, 05 anos

Figura 11 - Yuri, 9 anos

Figura 12 - Amanda, 10 anos

Figura 13 - Thalita Vitoria, 2 anos

Figura 14 - Thiago, 6 anos

Figura 15 - Cauê Ricardo, 8 anos

Figura 16 - Vanessa Maria, 11 anos

Figura 17 - Ryan, 9 anos

Figura 18 - Rodrigo, 07 anos

Figura 19 - Vinicius, 04 anos

Figura 20 - Julia – 06 anos

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Doep – Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MVDC – Museu Virtual do Desenho da Criança

PMG – Prefeitura Municipal de Guarulhos

PPP - Práticas Pedagógicas Programadas

PT - Partido dos Trabalhadores

RCNEI - Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

Secel – Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1	17
Capítulo 2	25
Capítulo 3	34
Conclusões	53
Referências	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva relatar a minha experiência na PPP (Prática Pedagógica Programada) Museu do Desenho, na Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, no curso de Pedagogia e provocar reflexões relacionadas ao desenho infantil, enfatizando-o como pertencente à manifestação artística da criança, a qual, expressa através do desenho suas ideias, conhecimentos e vivências. Intenciono comprovar a contribuição do desenho no desenvolvimento cognitivo da criança nos anos iniciais.

Qual a importância do desenho no processo cognitivo infantil? Este é um momento¹ que se demanda profunda atenção quanto “às peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios a cada faixa etária e nível de desenvolvimento”. Significa que o “pensamento, sensibilidade, imaginação, percepção, intuição e cognição da criança” precisam de um trabalho integrado apoiando o “desenvolvimento das capacidades criativas das crianças”.

A pesquisa apresenta-se organizada em três capítulos.

O primeiro capítulo é composto pela exposição de conceitos referentes à criança diante de sua própria visão, perante as leis e sob os “olhares” de alguns autores, os quais apontam diferenciações entre criança e infância.

No segundo capítulo relato sobre como foi feito o Museu do Desenho e da sua importância para a cidade de Guarulhos. Descrevo também a PPP Museu do Desenho, assim como o artigo científico que elaboramos coletivamente com a orientação da professora Betania após a apresentação da pesquisa.

O último capítulo está vinculado à relação dos professores com a criança em seu processo de produção gráfica, o desenho pode servir como uma linguagem da expressão dos sentimentos, os quais ela ainda não consegue expor por meio da fala ou mesmo pela linguagem escrita e um pequeno memorial da arte em minha vida.

Portanto, no estudo objetivou-se analisar os aspectos relacionados ao desenho na Educação Infantil como forma de linguagem e expressão da subjetividade da criança, passando por processos de maturação ao longo do desenvolvimento das produções gráficas.

É contextual entender que essa emergência de uma educação integrada que assegure o desenvolvimento das capacidades criativas da criança é necessário mas encontra muitas

1 RCNEI – Volume 3 – Educação Infantil I

impossibilidades durante o percurso, que envolvem políticas públicas tardias e ainda um formato escolar formal e sem a inclusão das múltiplas linguagens.

Em 1935, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral trazem experiências das artes da educação infantil de Paris para São Paulo, mas a garantia do direito a creche vem ocorrendo em São Paulo a partir do final do século XX, em Guarulhos data da chegada do Partido dos Trabalhadores - PT - na prefeitura de Guarulhos no começo do século XXI² a partir do começo da gestão de Elói Pietá, um tempo que os moradores dizem que pela primeira vez as crianças sumiram das ruas. Mesmo na Alemanha e posteriormente na Europa, os jardins-da-infância inspirados em Fröebel, propunham muitas experimentações das áreas de conhecimento por meio dos materiais, os “dons”³.

Pensar na expressão infantil exige um olhar para o nascimento das creches, das escolas e infelizmente os seus formatos escolares. Durante muito tempo, não havia escola e instituições para as crianças. A educação era responsabilidade da família ou grupo social a qual pertencia, convivendo com as diferenças sociais. Nos séculos XVI e XVII, a igreja teve um papel na alfabetização. Com a implantação da sociedade industrial surgem novas exigências educativas para dar conta das novas ocupações no mundo do trabalho, mulheres virando operárias e durante muito tempo carregando seus filhos que também eram explorados ao pé da máquina.

Para o nascimento da escola houve a necessidade de organizar um espaço e ter especialistas para educar as crianças. Oliveira relata que as creches e pré-escolas surgiram depois das escolas, devido às mudanças econômicas, políticas e sociais. No Brasil, os

primeiros jardins de infância eram públicos. No Rio de Janeiro e São Paulo já haviam surgido os primeiros jardins de infância, mas eram privados. Tanto o privado ou público apresentavam uma proposta em comum: caráter educativo e assistencialista sendo o último substituído pela função compensatória.

Nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil passou por uma transformação na educação, a mulher entra no mercado de trabalho, o que provocou a necessidade de ampliação do atendimento educacional, principalmente às crianças de 4 a 6 anos de idade, em seguida às de 0 a 3 anos de idade. Nesse período a educação ganha impulso, tanto na área da pesquisa

² Encontros de orientação com a profa. Betania Libanio Dantas de Araujo para o Trabalho de Conclusão de Curso.

³ Idem. Visita à 33ª Bienal de Arte Contemporânea: Fröebel.

do debate teórico quanto no plano legal. Podemos destacar a promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1988), do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996). A Constituição Federal (BRASIL, 1988) passa, então, a reconhecer o dever do Estado e o direito da criança a ser atendida, em creches e pré-escolas.

A partir da promulgação da LDB, a Educação Infantil é institucionalizada, fazendo parte do currículo escolar da Educação Básica, junto com o Ensino Fundamental e o Médio, desligando-se, assim das Secretárias de Assistência Social e atrelando-se as Secretarias de Educação municipais.

Conforme Brasil (1998a), a Educação Infantil constitui a primeira etapa, promovendo o desenvolvimento integral das crianças até 06 anos de idade. Isso significa construir um conjunto de conhecimentos que abrange tanto os aspectos físicos biológicos quanto aspectos emocionais, afetivos, cognitivos e sociais de cada criança, considerando que ela é um ser completo, singular e único.

No artigo 29 da LDB a Educação Infantil se define como “desenvolvimento integral da criança até 06 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p. 9).

Hoje o sistema de ensino encontra-se em plena fase de transição, seja em relação à incorporação de todo atendimento de crianças de 0 a 06 anos ao sistema educacional, como em relação à definição da identidade desta etapa da educação básica. Cada época tem a sua própria maneira de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância. O desenho, ao longo da história, foi visto pelos educadores como uma mera atividade de passatempo (Brasil, 1998).

Na prática só se via desenhos mimeografados os quais eram usados como exercício de coordenação motora para fixação e memorização de números e letras. Muitos professores ensinam a criança a desenhar dando modelos prontos ou trabalhos massificados, com isso a criança inibe a sua expressão livre para atender uma solicitação do meio e o processo de desenvolvimento fica prejudicado. Não é intuito trazer nessa pesquisa a origem do desenho pronto, mas apontamos a pesquisa realizada por Rosemeire Ferreira Barbosa, *Desenhos para pintar: prática secular e escolar*, realizada em 2017. Na pesquisa é apontada Artus Perrelet, como a educadora francesa que traz uma proposta sequencial de desenhos, mas que no Brasil leram não como um estudo de registro de movimento, mas como cópia e desenho para pintar.

Considerando o nascimento da creche e da escola, falamos por uma urgência de educadores que compreendam as necessidades e interesses de suas crianças, que estejam abertos na alfabetização das múltiplas linguagens e na alfabetização visual compreendendo a morfologia dos grafismos infantis.

CAPÍTULO 1

O DESENHO INFANTIL

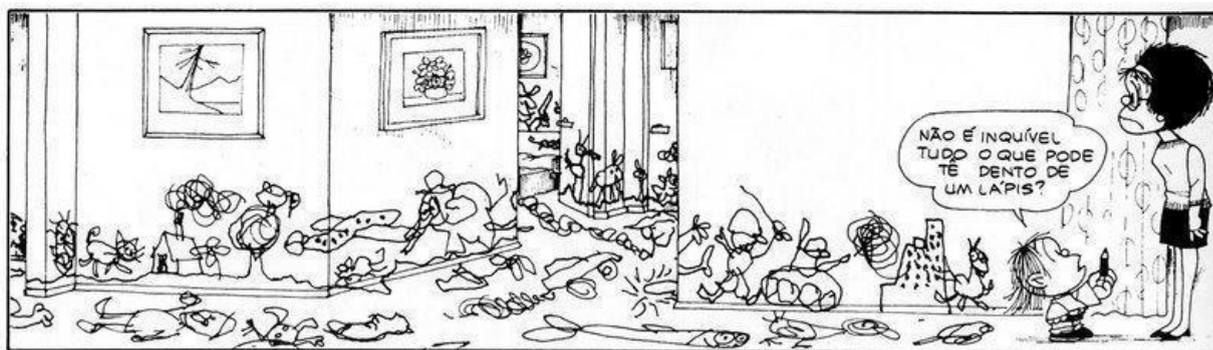


Figura 1 - Quino

Capítulo 1 - O DESENHO INFANTIL

Antes de falar sobre o museu virtual do desenho da criança, procurei tratar brevemente sobre a importância histórica do desenho para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, lembrando os estudos que realizamos nos encontros da PPP que na época nos instrumentalizou para entendermos como a criança desenha.

Resumidamente, Araujo⁴ observa que a criança vive esses momentos:

1. risca sem significar e sem descobrir o seu traço
2. fecha o círculo, o olho acompanha o traço
3. do círculo futuras formas surgirão, é inventiva criando formas próprias
4. se apropria da cultura (desenho animado, desenhos impressos)

5. permanece desenhando com desenhos com soluções próprias

A seguir procurei compreender o conceito do desenho infantil para Georges-Henri Luquet (1969), um dos pioneiros na pesquisa sobre o desenho infantil e, um de seus estudos, foi o desenvolvimento da comunicação humana pela imagem, abordando questões referentes sobre o que a criança desenha e suas intenções neste ato. Não convém nesta pesquisa pontuarmos discondâncias teóricas sobre terminologias utilizadas por Luquet como realismo fracassado por talvez trazer uma convenção do que seria desenhar.

Apesar de surgirem os termos estágios, fase ao citar alguns autores, desconsideramos esses termos pois acreditamos que a criança viva momentos que não se estabelecem em faixas etárias.

A palavra desenho conduz a ideia da representação de objetos e a reprodução de uma imagem ou figura e até mesmo, a uma atividade gráfica reduzida ao lápis e papel, no entanto, pode-se conceituar desenho como o modo de expressão particular da criança, no qual ela revela os seus sentimentos, seus desejos, as suas ideias, suas vontades, as suas experiências e exprime a sua concepção de mundo através das diferentes maneiras de representar o ambiente a sua volta.

[...] o desenho pode em certo sentido ser considerado como um processo que permite representar objetos, tanto pelo conhecimento que temos deles ou pela maneira como os concebemos, como pela aparência que oferecem aos nossos olhos (LUQUET, 1969, p. 9).

Segundo Luquet, a compilação⁵ gráfica está sujeita ao ambiente em que a criança vive

4 Idem

e conseqüentemente às circunstâncias e experiências vividas, contudo não imediatamente relativo a um acontecimento, uma vez que a criança se utiliza da recordação e de suas percepções para desenhar. Em seus estudos, o autor verificou que o desenho, apesar de estar condicionado a alguns traços da realidade, passa por estágios de aperfeiçoamento, e por isso “[...] não mantém as mesmas características do princípio ao fim” (p.135).

São enumerados quatro estágios, que se sucedem, de desenvolvimento no desenho: realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e realismo visual. o realismo fortuito corresponde ao estágio em que a criança faz desenhos involuntários e, em seguida, voluntários. Assim, primeiramente a criança apenas traça linhas sem qualquer objetivo “[...] o desenho não é traçado executado para fazer uma imagem, mas um traçado executado para fazer linhas” (p.136), mas, após perceber que certos traços têm semelhança com alguma coisa, reconhece em si um “poder criador”, que é verificado no outro, no caso o adulto, que é capaz de dar significado ao que registra então a criança o imita.

A partir daí a criança começa a fazer várias tentativas de desenhos, intercaladas por traços e figuras que permitem interpretação.

A passagem da produção de imagens involuntárias à execução de imagens premeditadas faz-se por intermédio de desenhos em parte involuntários e em parte voluntários. A semelhança fortuita entre o traçado e o objeto a que a criança dá o nome é das mais rudimentares, e a criança, ao mesmo tempo em que percebe isso, reconhece sua imperfeição (Idem, p. 141).

O próximo estágio denominado realismo falhado, corresponde à fase em que a criança executa inúmeras tentativas de realizar desenhos de modo a demonstrar as particularidades das formas do objeto, adquirindo assim todos os elementos do traçado (intenção, execução, e interpretação correspondente à intenção), ou seja, compõe sua faculdade gráfica total.

A característica fundamental do realismo falhado é a falta de proporção nos desenhos, que ocorre devido ao fato de ao realizar um novo traço a criança não levar em consideração o que já havia sido traçado. Esta incapacidade sintética é corrigida progressivamente, reduzindo-se na medida em que a criança desenvolve sua capacidade de atenção. Luquet afirma que:

não sabe ainda dirigir e limitar os seus movimentos gráficos de modo a dar ao seu traçado o aspecto que queria [...] (LUQUET, 1969, p. 147). outro obstáculo é o de ordem psíquica, referente ao [...] caráter ao mesmo tempo limitado e descontínuo da atenção infantil” (p.148).

O próximo estágio é o realismo intelectual, no qual a criança desenha aquilo que sabe existir, portanto utiliza recursos variados, tais como descontinuidade, transparência e planificações. Parte-se da concepção de que desenho

[...] para ser parecido, deve conter todos os elementos reais do objeto, mesmo invisíveis, quer do ponto de vista donde é focado quer de qualquer outro ponto de vista e, por outro lado, deve dar a cada um desses pormenores a sua forma característica, a que exige exemplaridade (p.159).

A intenção realista que se dá durante o desenvolvimento dos processos do desenho culmina no realismo visual, último estágio proposto por Luquet (p.186), que condiz com a “manifestação do sentido sintético”, no qual a criança substitui seus processos de desenho pela perspectiva, o que caracteriza o desenho na fase adulta.

Já Florence de Mèredieu (2006), observa que, quando a criança a rabisca passa a se desenvolver psíquica e esteticamente, pois seu corpo se movimenta, e juntamente com seus traços que passam por fases distintas, os traços representam uma etapa da maturação do sensorio-motor da criança:

[...] o desenho é antes de tudo motor; a observação de uma criança pequena desenhando mostra bem que o corpo inteiro funciona e que a criança sente nesta gesticulação (MÈREDIEU, 2006, p. 6).

Mèredieu (2006) critica o conceito de Luquet, pois este divide em quatro estágios o processo do grafismo infantil, e a autora discorda desta divisão, afirmando que estas fases se apresentam como se fossem isoladas, não evidenciando as mudanças ocorridas no desenvolvimento infantil de uma etapa para a outra.

Mèredieu apresenta três fases em relação ao desenho infantil. o primeiro estágio, ao qual chama de vegetativo motor, é a fase que consiste na produção de riscos com o formato quase “arredondado, convexo ou alongado” (p.25), sem tirar o lápis do papel.

O segundo estágio é o representativo, em que os seus movimentos ficam mais lentos (ordenados), pois a criança começa a tirar o lápis do papel. Segundo a autora: “há uma tentativa para reproduzir o objeto e o comentário verbal do desenho.

O terceiro estágio é o comunicativo, em que a criança procura se comunicar com o outro, semelhante a uma tentativa de escrita, no qual ela tenta imitar a escrita dos adultos.

A autora, Sueli Ferreira, observa que o desenho para a criança é o meio em que ela dá início ao processo de figuração, que ocorre, progressivamente, “[...] do gesto o traço e

do traço ao signo [...]” (FERREIRA, 1998, p. 24), e pela socialização o desenho passa do âmbito da imaginação e adentra ao campo da observação, progresso que viabiliza que “o desenho da criança, que agora passa a representar o real por meio do signo, surge como possibilidade de narrar e transmitir mensagens” (p. 25), que por sua vez oferece a oportunidade de a criança começar a entender o processo da língua escrita.

Para Lev Vygotsky (1988), a ideia de representação é formada tendo como suporte a fala, e a partir deste ponto são formados os esquemas de significação, e dentre eles há o desenho. De acordo com o autor,

[...] o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Neste sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar do desenvolvimento da linguagem escrita (p. 127).

Vygotsky ressalta que, para a aquisição da língua escrita, primeiramente a criança precisa formar o conceito do que é forma gráfica, inicialmente por meio do desenho, passando por três estágios de representação.

A primeira representação, também chamada representação de primeira ordem, é aquela em que há a utilização de símbolos que remetem de forma direta e explícita ao objeto que a criança se propôs a grafar. O que se observa ainda é a necessidade da criança de ler/falar o que ela está colocando no papel, ou seja, que existe uma relação entre objeto e fala, além do fato de que a criança precisa ver o objeto, ou imaginá-lo.

A seguir temos a segunda representação, que se refere à tentativa de escrita, para a qual é fundamental que a criança desenvolva o processo mnemônico, que diz respeito à função de memória, para que ela possa trabalhar mesmo na ausência do que está sendo representado.

O terceiro estágio é a representação direta, não sendo mais necessário que a criança esteja na presença do objeto ou pronuncie seu nome para escrever. A partir disso ela começa a utilizar sinais gráficos específicos para escrita, que agora não são mais escolhidos indistintamente por cada criança, mas sim códigos que podem não representar lógica com as coisas, porém foram convencionados como aqueles que serão usados por todos.

Neste ponto a criança faz uma relação direta entre a imagem (memorizada) do objeto e a escrita de seu nome. Este movimento implica na percepção, mediada por alguém que já compreende o sistema escrito, de que se podem desenhar as coisas como também o

nome das coisas, a fala.

Ao longo do processo de aquisição da leitura e da escrita desenvolvemos a capacidade de pensar em algo, lembrar seu nome, os sons que imitamos quando falamos as letras que usamos para escrever, sem estar na presença do objeto.

Segundo Vygotsky cada período do desenvolvimento tem uma atividade principal e a aprendizagem da língua, momento em que as crianças estão no ensino fundamental, não pode ser de forma mecânica, tendo em vista a complexidade do sistema de signos, sendo necessário primeiro se pensar em trabalhar simbolismos de primeira ordem, que antecedem a escrita, destacando o desenho e os jogos e brincadeiras. Vygotsky afirma que:

[...] desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças em razão de que estas seriam maneiras de ensinar as crianças a designar sentido aos gestos, o que será necessário posteriormente, visto que a escrita se configura como um sistema de símbolos e signos que designam os sons e palavras da linguagem falada, ou seja, um simbolismo de segunda ordem, que se efetiva quando a criança tem domínio do ato de significação. (p. 134).

Os desenhos ligariam os gestos à linguagem escrita, pois tem um caráter representativo. Através dele a criança pode interagir com diferentes formas de conceber a definição de objetos sem manuseá-los. Dessa forma, observamos elaboração do pensamento abstrato que será base da aprendizagem da linguagem escrita.

O jogo, ao proporcionar interlocução e convívio de diferentes indivíduos, também pode ser visto como uma forma de ação criativa. Vygotsky ressalta que o jogo, o desenho e a escrita contribuem para a formação da função simbólica, essencial para a aprendizagem da última. o autor destaca ainda a importância da interação com o outro para a aprendizagem e para o próprio desenvolvimento do sujeito com suas funções psicológicas superiores e suas múltiplas formas de linguagem, sendo o desenho uma delas.

A relação do desenho e o desenvolvimento infantil

Neste momento, procurei destacar os meios pelos quais o desenho se vincula ao desenvolvimento da criança, com a finalidade de evidenciar os aspectos cognitivos e sociais. No que se diz respeito ao âmbito cognitivo considerei a teoria de Vygotsky, que aponta o desenho como um meio de formar a representação simbólica na criança, que é fundamental para a compreensão e aprendizagem da linguagem escrita e base para os outros sistemas de signos.

[...] o desenho é uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal. Neste sentido, os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos. Esses fatos nos fornecem os elementos para passarmos a interpretar o desenho das crianças como um estágio preliminar do desenvolvimento da linguagem escrita (p. 127).

A criança que se expressa por meio do desenho também oferece evidências sobre o seu desenvolvimento geral, levantando indícios de comprometimento afetivo-emocional, intelectual, perceptivo. Além disso, também proporciona o seu desenvolvimento motor, uma vez que a partir de repetitivas tentativas aperfeiçoa seus traços a fim de conseguir representar um objeto semelhante ao original, e, principalmente, o desenho desenvolve os meios com que a criança se comunica com o outro e com o meio em que vive, é uma forma de expressar seus sentimentos e percepção de mundo.

Dessa forma, os autores apresentados, apesar de terem uma visão particular sobre o desenho, concordam com o fato de que o interesse da criança em grafar sinais surge da observação do mundo adulto e da vontade de imitá-lo, uma vez que “[...] o meio em que a criança se desenvolve é o universo adulto, e esse universo age sobre ela na mesma maneira que o contexto social, condicionando-a ou alienando-a” (MÈREDIEU, 2006, p. 3). Deste modo os símbolos desenhados pela criança representam o mundo a partir das relações que ela estabelece com as pessoas que fazem parte do seu contexto social e cultural, e consigo mesma. De início são desenhadas formas quaisquer, e a partir da sua ação contínua o desenho adquire significados, sejam eles reais ou frutos da sua fantasia.

Como descreve Mèredieu (p.10) “[...] a escrita exerce fascinação sobre a criança, e isso bem antes dela própria poder traçar verdadeiros signos. Muito cedo, ela tenta imitar a escrita dos adultos”, e neste processo a linguagem do desenho permite às crianças inventarem e experimentarem suas ideias, desenvolvendo assim sua capacidade simbólica.

Vygotsky, explica que no início a criança desenha de acordo com sua memória, ou seja, desenha conforme ela entende e recorda dos objetos, não necessariamente como os vê. Primeiramente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança reconhece a similaridade e expressa verbalmente o resultado da sua ação.

De acordo com Vygotsky, isso demonstra a existência de certo grau de abstração na atitude da criança, impelido pela representação verbal, sendo que esta última representação é à base da linguagem gráfica. Em seguida, a nomeação ocorre antes da realização do desenho, desta forma o desenho se transforma em simbólico por meio do recurso da linguagem oral. Assim:

[...] o desenho transforma-se efetivamente em representação simbólica quando a nomeação passa a se dar no início do ato de desenhar e a criança torna-se capaz de decidir antecipadamente o que vai desenhar (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 146).

Posteriormente a descoberta de que os traços que a criança desenha podem significar algo a ela mesma como a outra pessoa, por meio da observação dos adultos e do desenvolvimento da própria criança, referente aos meios de representação e sua processual aptidão simbólica, e ainda pela mediação por parte de um conhecedor das técnicas da escrita, a criança percebe que além de desenhar os objetos é possível desenhar a fala.

Com a mediação adequada à criança percebe, com o tempo, que para ser compreendida pelo outro ela não pode continuar criando sua própria forma de representação, mas sim que precisa utilizar símbolos específicos, já convencionados e que devem ser aprendidos, para a linguagem escrita. A internalização de símbolos permite-lhe a transposição de uma situação à outra, de um objeto a outro, e de utilizar a escrita para seus propósitos.

Capítulo 2

PROJETO MUSEU VIRTUAL DO DESENHO DA CRIANÇA



Figura 2 - Gabriel Henrique, 7 anos, MVDC

Capítulo 2 - PROJETO MUSEU VIRTUAL DO DESENHO DA CRIANÇA

O portal é alimentado pelos cursos de formação, é ilustrado por crianças da rede de Guarulhos, cujos desenhos foram selecionados pelo grupo em formação e autorizados pela família. Possui cinco ícones de acesso. O ícone O museu faz a apresentação do projeto, dos coordenadores, instituições envolvidas e os parceiros que apoiaram o projeto. Na antiga gestão, Sérgio Andrejauskas é o arte-educador e artista de Doep que atua com a formação continuada juntamente com a profa. Betania. No ícone Galeria, há o acervo de 2015, 2016, Galeria Frans Krajcberg, Galeria Mario de Andrade e Galeria Vik Muniz e receberá o acervo de 2018. Segundo Araujo, o ano de 2017 foi de mudança na prefeitura e a equipe que atuava no projeto não permaneceu em Doep com a mudança do prefeito. O projeto continuou sendo estudado na Unifesp Guarulhos durante 2017. No ano de 2018, Ana Paula Reis, coordenadora pedagógica na PMG e Pedagoga, contata a profa. Betania para a continuidade do projeto. Ambas iniciam o projeto de formação continuada dos professores da PMG.

Esta é a apresentação no portal:

O projeto "Museu do Desenho da Criança", parceria da Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECEL), e a Universidade Federal do Estado de São Paulo-UNIFESP, é uma proposta para documentação dos desenhos das crianças. O estudo e a pesquisa, com o intuito de construir uma iconografia desta linguagem produzida pelas crianças, culminou na construção de um museu virtual, alimentado pelo trabalho desenvolvido por educadores da rede em parceria com a professora Betania Libanio Dantas de Araújo (UNIFESP), e do Departamento de Orientações Educacionais e Pedagógicas da Secretaria de Educação, cultura, esporte e lazer (SECEL), por meio da Divisão Técnica de Arte-Educação e da Divisão Técnica de Políticas para Educação Infantil, que a partir de 2018, dará continuidade e contribuirá com o projeto. O site "Museu Virtual do Desenho da Criança" estará disponível para consulta e pesquisa, com textos, vídeos, e principalmente, as produções gráficas dos educandos da rede municipal.

No ícone arquivos quem acessa pode ler tanto os documentos de apoio, quanto textos teóricos sobre a arte da criança. No ícone vídeos há uma série de documentários e produções de crianças. E finalmente o ícone contato. O site possui os tons azul, roxo e rosa, os logos da Unifesp, Prefeitura de Guarulhos, Labart. É um trabalho voluntário, sem apoio financeiro ou de evrbas, caracterizando-se em acordo de cooperação.

Antes de constituir-se enquanto projeto, o Museu do Desenho é apoiado pela Diretoria Acadêmica da Unifesp Guarulhos, Diretor Acadêmico Prof. Dr. Daniel Vazquez e vice-diretora acadêmica Profa. Dra. Marineide Oliveira dialogando sobre o começo da

instituição e as parcerias realizadas com a escola pública,

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp (campus Guarulhos), instalada no município em 2006, conta com significativas parcerias com a Prefeitura Municipal de Guarulhos, previstas em Acordo de Cooperação Técnica, entre elas o envolvimento de docentes e estudantes do campus em programas e projetos municipais, ressaltando-se o trabalho coordenado de formação inicial e continuada de professores e gestores por meio do Programa de Residência Pedagógica do Curso de Pedagogia, considerado hoje como Política Pública da educação municipal. O Museu do Desenho da Criança, parte dessa parceria e representa um grande passo na perspectiva de trazer as produções das crianças ao centro dos debates educacionais, contribuindo para sua visibilidade. As formas expressivas das crianças, por meio de suas múltiplas linguagens consideradas como produtos culturais e históricos, podem colaborar para a elucidação de como se constroem as culturas infantis, tema caro e importante na relação com as culturas que são produzidas cotidianamente nas instituições que atuam com a educação da infância. Direção Acadêmica - campus Guarulhos (EFLCH/Unifesp)

pela Profa. Dra. Daniela Finco, docente da área de Educação Infantil do Departamento de Educação ao compreendê-la como pedagogia inovadora que dá voz às crianças enquanto sujeitos de direitos em suas múltiplas linguagens,

A proposta do Museu do Desenho está inspirada em uma Pedagogia inovadora, criativa que valoriza as múltiplas relações e as diferentes linguagens da criança e que tem na arte, o seu fundamento e na equidade, sua finalidade. Partimos do pressuposto que as crianças são competentes e capazes de se expressar por múltiplas linguagens, desde muito pequenas. Elas possuem o direito de serem reconhecidas como sujeitos de direitos, como portadoras e construtoras de suas próprias culturas e participantes ativas da construção de suas identidades, autonomias e competências por meio das interações com as outras crianças, com os adultos, com ideias e os eventos reais ou imaginários de mundos comunicantes. As crianças têm o direito de experimentar as linguagens artísticas, pois elas são saberes fundamentais. As crianças têm o direito de realizarem e expandirem todas as suas potencialidades, valorizando suas próprias capacidades de socializar, colhendo afeto e confiança e satisfazendo suas necessidades de aprender e de participar das propostas artísticas e culturais, independentemente das condições sociais e econômicas a que pertencem, porque afinal todas as crianças têm direito à arte e à cultura. Daniela Finco - Campus Guarulhos (EFLCH/Unifesp)

pela Chefia de Departamento de Educação, Prof. Dr. Marcos Cezar de Freitas na descoberta da criança e o avanço dos estudos da infância, no direito à expressão pela criança:

No Brasil e no exterior, os estudos de infância nos últimos trinta anos propuseram novas perspectivas para abordar a presença das crianças, entretecidas no tecido social. Perceber a criança como objeto de estudo diz respeito a apreender a construção de um campo de estudos que é polifônico, polissêmico e também controverso. Apesar das polifonias e das polissemias é possível reconhecer que os estudos de infância cresceram quantitativa e qualitativamente à medida que reconheceram a importância estratégica de se abordar crianças em si mesmas, entre si e em perspectiva relacional, ou seja, em relação a sujeitos, espaços e tempos, tomando-as como sujeitos também. O mesmo vale para a infância, cujo adensamento em termos de pesquisas coincide com o abandono

das perspectivas que priorizavam as representações das fases e que reduziam a experiência de ser criança simplesmente ao preparo para responsabilidades posteriores. Nos domínios dos estudos de infância há que se reservar espaço privilegiado aos “desenhos de crianças”. O desenho está diretamente relacionado ao direito da criança a expressar-se. Isso diz respeito a reconhecer e respeitar o que lhe é próprio, singular e que infelizmente inúmeras vezes é substituído pelo modelo para pintar. Defender direitos das crianças não se reduz a construir instituições para que sejam acolhidas e escolarizadas. Significa também vigiar para que essas instituições, mesmo aquelas que mais são identificadas com a criança, não se tornem reféns de seus conteúdos e, assim, reduzam o direito à expressão da criança ao preparo para performances mais elaboradas. Desenhos de crianças têm valor em si mesmo. Respeitá-los, preservá-los, estimular sua difusão e exposição são medidas que podem acrescentar não somente mais respeito aos direitos fundamentais da criança, mas, sem dúvida, mais rigor e densidade aos estudos de infância. Marcos Cezar de Freitas - Campus Guarulhos (EFLCH/Unifesp)

O projeto do Museu Virtual do Desenho da Criança iniciou em 2011 com discussões e propostas realizadas pela professora Betania Libanio Dantas de Araujo, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), junto dos seus alunos, iniciou o trabalho de pesquisa no mundo do registro gráfico da criança. No curso de Pedagogia voltado para questões da formação de professores e pesquisadores na área de educação, o projeto tornou-se Prática Pedagógica Programada – PPP - para estudantes da Pedagogia.

Guarulhos é o primeiro estado a possuir um Museu Virtual do Desenho da Criança e a convite do Ibram - Instituto Brasileiro de Museus – passa a ser cadastrado na plataforma de divulgação dos museus, participando do cadastro nacional dos museus.

Dos diálogos iniciados em 2012, no ano de 2015, recebeu a prefeitura de Guarulhos como parceira e proponente e incorpora-se ao Laboratório de Arte (Labart) da Unifesp, em parceria com a Divisão Técnica de Arte-educação do Departamento de orientações Educacionais e Pedagógicas (DoEP), pertencente à Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Guarulhos, com o professor Sérgio AndreJauskas. Constatam-se a falta de visibilidade das produções gráficas das crianças e a ausência de um acervo das suas criações estéticas e das suas intenções. E, em 2015, o mesmo traz a problemática do processo de criação pela criança nas artes visuais, especificamente no desenho, dando assim não mais visibilidade à cultura infantil por meio de seus desenhos que narram histórias, percepções do mundo e anseios em geral, mas também dá outro ponto de vista a ser explorado pelos educadores. o museu virtual apresenta essa galeria, agrega professores e estudantes colaboradores na coleta e na pesquisa. Propõe também estratégias formativas para a mediação cultural no espaço escolar.

Observa que temos duas insuficiências na formação. A primeira delas é que muitos não compreendem que a polivalência está para a transdisciplinaridade das áreas, logo o professor polivalente precisa contemplar as áreas de conhecimento como definem os documentos oficiais, a arte e o corpo em movimento são atribuições deste professor também quer seja na educação infantil, quer seja no ensino fundamental e não é atribuído apenas para os professores especialistas de Educação Física, Artes e Língua inglesa. Segundo a professora, o pedagogo tem a possibilidade de propor uma educação transdisciplinar. A segunda insuficiência é que os cursos voltados à formação, em muitas instituições privadas, não possuem profissional da arte que possa desenvolver um estudo da visualidade produzida pela infância.

Problemática esta que procura responder questões simples, porém fundamentais como: Qual é o lugar do desenho da criança no espaço escolar? A palavra desenho é reduzida à representação de objetos, ideias, à reprodução de alguma imagem ou figura, e até mesmo, a uma atividade gráfica reduzida ao lápis e papel. No entanto, como diz Paul Klee, a arte não representa, apresenta, o desenho constitui o modo de expressão particular da criança, o qual revela os seus sentimentos, seus desejos, as suas ideias, suas vontades e as suas experiências, como também exprime a sua concepção de mundo através das diferentes maneiras de representar o ambiente a sua volta.

Através dos desenhos, a criança representa o mundo visível, invisível e criado. O projeto Museu Virtual do Desenho da Criança, traz reflexões sobre o desenho como uma ação que deve ocorrer sempre, que tem importância no cotidiano infantil e colabora com disciplinas denominadas fundamentais, não sendo assim, apenas uma mera atividade escolar ou um passatempo. De acordo com Louis Porcher:

Quando a criança desenha, cria pontes entre o mundo real e o imaginário, expressando suas concepções e percepções do mundo no qual está inserida. Além disso, o desenho permite à criança retratar em diferentes dimensões, suas experiências pessoais em busca da sua própria identidade. (1982, p.25).

Percebem formas de dizer coisas, podem representar elementos da realidade que observam, com isso, ampliam seu domínio e influenciam o ambiente (Almeida, 2003, p. 27).

Na educação infantil, o choro, os gritos ou movimentos violentos que fazem parte do processo de desenvolvimento e aprendizagem em que ela consegue extravasar as emoções e a outra forma que começa a ser utilizado também como forma de mostrar o que está sentindo é o desenho. A linguagem escrita caminha paralelamente, recriando

significações, vivemos em contato com grandes imagens, como as revistas nas bancas, fachadas das lojas e muitas outras coisas.

Afirmamos então, que o desenho exerce forte influência no processo de desenvolvimento emocional infantil, pois as produções gráficas da criança podem vir carregadas de diversos sentimentos, tais como medo, angústia, insegurança e alegria. À medida que o desenvolvimento infantil vai se processando, a criança tende a modificar suas reações emocionais com o convívio social, vai aprendendo a entender melhor as suas emoções, revive cenas, fatos, desejos e conflitos repensando-os.

O desenho como possibilidade de brincar, de falar, de registrar, marca o desenvolvimento da infância, porém, em cada estágio, o desenho assume um caráter próprio. Estes estágios definem maneiras de desenhar que são bastante similares em todas as crianças, apesar das diferenças individuais de temperamento e sensibilidade.

Esta maneira de desenhar de cada idade varia, inclusive, muito pouco de cultura para cultura. O desenho e a escrita são ações essencialmente intelectuais. Ver as crianças tornando-se visíveis através de sua arte é um dos pontos relevantes que ganham espaço a novos olhares, curiosos a uma formação integral das próprias crianças e fundamental à formação de educadores, que desejam mudanças iniciadas nos sistemas educacionais. Um museu se constitui como o lugar que propõe o convite.

A partir das produções artísticas a criança desenvolve diferentes sensações. Ao praticar atividades, vão utilizar materiais que podem favorecer o desenvolvimento da percepção infantil, além de permitir diversas sensações táteis, auditivas e visuais, que servem como recurso motivador, onde a criança irá produzir de acordo com as suas próprias conclusões ao utilizar o material apresentado. Sendo assim, para que possamos identificar o seu desenvolvimento, seja ele emocional, cognitivo, perceptivo, psicomotor e social, o desenho é utilizado.

Diante das reflexões apresentadas podemos concluir que o ato de desenhar expressa muitas realidades como: medo, emoção, alegria, curiosidade, verdades. Entretanto, a criança passa por inúmeros processos vivenciais, e um contato entre ela e o meio em que vive pode ser expresso no papel, afirmando e contando suas vivências no dia a dia.

Relatos de experiência: PPP museu do desenho

Relato a minha experiência na Prática Pedagógica Programada, no Museu do

Desenho, do curso de Pedagogia na Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, realizado em 2012.

As Práticas Pedagógicas Programadas (PPP) participam da estrutura curricular do curso de Pedagogia e são experiências na educação não formal por meio de vivências e estudos com a elaboração de um produto final socializado com os colegas e coordenado por um professor.

As PPPs ocorrem durante os dois primeiros anos do curso e tem como objetivo experiências não escolares, em espaços não-formais subsidiando “a reflexão dos alunos sobre a educação e a sociedade em diferentes espaços e tempos, mas em especial, no contexto brasileiro contemporâneo⁶”.

Teve como propósito conhecer o desenho infantil, dando voz à criança ao narrar os seus sonhos, as suas diferentes realidades, fantasias, medos, desejos, ou seja, a sua interpretação de mundo por meio das suas criações.

Procedimentos e participantes

Na PPP Museu do Desenho, fizemos coletas nas creches, nas escolas de ensino fundamental, nos nossos trabalhos; mas o objetivo era que analisássemos coletas livres com o intuito de obter um maior entendimento sobre o que as crianças desenham nos dias de hoje, quais são as suas criações, bem como os traços e formatos recorrentes, quais as diferenças entre percepções de regiões e nacionalidades distintas.

Levantamos hipóteses sobre o material a ser encontrado: a criança permanecia desenhando as formas que estão presentes nos desenhos coletados por Mário de Andrade ou muita coisa mudara? Encontraríamos meninos desenhando mais paisagens, flores? Meninas desenhariam super-heroínas, carros e luta?

Em Guarulhos encontramos crianças bolivianas, nas creches, que traziam as suas histórias de chegada ao Brasil, as memórias de seu país, as cores, aromas, formas, histórias e músicas de seu torrão. E culturas por crianças que chegavam do nordeste e alimentam nosso imaginário com as histórias do sertão ou da rede de pesca no litoral. A saudade daquele sol, o desejo do amarelo-laranja e de uma alegria irradiante de suas terras, tempo de brincar livre, tudo está em seus desenhos, desenhar é matar a saudade, observa Araujo⁷

⁶ <https://www3.unifesp.br/prograd/app/cursos/index.php/prograd/descricao/937>

⁷ Orientações de pesquisa.

rememorando as falas de Juliana Nunes Hitzschky⁸.

Esse momento de desenhar, é um tempo para criarem livremente, sem interferência de figuras prontas ou influência de um adulto. Percebi que em determinados grupos de crianças da mesma série os desenhos possuíam alguns fatores em comum como, por exemplo, os interesses parecidos: o gosto por jogar futebol, soltar pipa, etc.

De acordo com o seu crescimento, vão dando mais firmeza e racionalidade ao traço. Nos desenhos das crianças de até quatro anos, percebi que estão mais presentes as formas não simbólicas, no que diz respeito à visualidade. Nos maiores, as formas tomam mais precisão, mostrando que o desenho deixa de ter formas anteriores e assumem formas mais geométricas, formais pois passam a seguir os padrões impostos pela sociedade. Paiva e Cardoso explicam o desenvolvimento motor da criança:

É por volta de um ano de idade, que a criança se torna capaz de segurar objetos como um lápis, caneta ou algo do gênero, tornando-se assim capaz de realizar seus primeiros traços gráficos. No início esses traços não passam de rabiscos, os quais são denominados garatujas, e ao passo que se desenvolve e adquire os meios para conhecer e interagir com o seu redor a criança começa a realizar construções cada vez mais elaboradas, que passam a assumir função simbólica (PAIVA; CARDOSO, 2010).

Fica evidente a personalidade em suas criações, elas adentram-se em seus mundos: a maioria dos meninos do primeiro ano aos seis ou sete anos desenhou dinossauros, lutas. No entanto, na faixa dos quatro aos cinco anos, entre os meninos o tema mais recorrente são carros e entre as meninas foram pessoas e paisagem.

A partir dos desenhos coletados, percebi que eles são uma forma de expressão. Quando uma criança desenha, passa para o papel a sua visão de mundo. E sendo a percepção de mundo diferente para cada pessoa, há diversos contextos sociais vivenciados durante a sua vida.

Percebi o desenho da criança como resultado de um registro visual, onde as formas e as cores dão aos seus traços essa relação existente entre o mundo em que vivemos e todo o universo simbólico, derivando criações com elementos retirados da realidade e aumentados pelos traços de imaginação.

Outro ponto relevante visto nesta PPP, é que as crianças seguem o padrão estabelecido pelos adultos, perseguem a perfeição, passam a desenhar mais as coisas que veem, e quando percebem que são bem diferentes do real passam a ter vergonha das suas

⁸ Hitzschky realizou pesquisa sobre o desenho de crianças na creche municipal e relata as inúmeras alegres narrativas e desenhos, de uma criança nordestina, em seu TCC no curso de Pedagogia na Unifesp Guarulhos.

produções, ou seja, a sociedade exerce um forte impacto no desenho das crianças, seja como inspiração ou como repressora em seus desenhos.

Fomos orientados a pedir a cada criança que falasse um pouco sobre as suas produções, em cada uma fica impressa a sua realidade, seus desejos e medos ocultos e ao mesmo tempo tão evidentes no papel.

No artigo científico *O museu do desenho da criança: um estudo da produção gráfica infantil*, apresentamos como resumo do artigo o seguinte texto seguido das seguintes palavras-chave Desenho. Criança. Museu. Artes Visuais. Coleta.:

O Museu do Desenho da Criança é um projeto desenvolvido na Unifesp em Práticas Pedagógicas Programadas, relacionando coleções de desenhos de crianças, na perspectiva de novas relações entre os estudos teóricos sobre o assunto e observações sobre a cultura da infância. É uma pesquisa qualitativa; a comunicação é estabelecida por meio de desenhos e conversas informais, entre crianças e universitários participantes do projeto. Os desenhos são tomados em sua expressividade e cuidamos para que outras informações sejam trazidas por seus criadores: os próprios criadores das imagens. Designar, projetar, planejar, sonhar, desenhar, imaginar e contar é a trajetória que acompanhamos no encontro com essas crianças e conhecemos esses mundos na 1ª e na 2ª infâncias.

A cada nova versão da PPP ou a cada nova formação do curso de professores da rede municipal de Guarulhos, o Museu do Desenho absorve novas qualidades e proposições trazidas pelo grupo o que gera uma novidade de pesquisa a cada grupo. O projeto nasceu da parceria entre a profa. Betania e Departamento de Orientação de Educação da Prefeitura - Doep. As primeiras conversas ocorreram em 2011 com o maestro Vanderlei Banci e o prof. Sérgio Andrejauskas por meio do núcleo de arte, educação física e língua da Prefeitura Municipal de Guarulhos. Atualmente, no ano de 2018, o projeto foi continuado em parceria com a profa. Ana Paula Reis de Doep.

Ao nos inspirarmos nas coletas de Mário de Andrade reconhecemos grande vanguardismo pois como professor de História da Arte em Paris utilizava os desenhos de sua coleção, que hoje pertence ao IEB, para conversar sobre platicidade e composição na aula:

Os desenhos infantis são de diversos espaços, foram feitos sem intervenção dos adultos e a sua coleta gerou os encontros de leitura, debate e construção de um blog. Iniciamos com o estudo do concurso elaborado por Mário de Andrade, que, em 1935, como diretor do Departamento de Cultura do Município de São Paulo, organizou um concurso de desenhos. O procedimento, nesse concurso, consistiu em não interferir no processo criativo da criança, e as formas escolhidas foram traçadas espontaneamente, sem interferência de figuras prontas ou influência de um adulto. Depois de finalizado o desenho, quem recolhia as criações indagaria à criança o que havia sido retratado e, no verso de cada folha, anotava-se a descrição dita, juntamente com a data da criação, o gênero, a idade e a nacionalidade do infante.

Capítulo 3

O ESTUDO DO TEMA E SUA RELEVÂNCIA



Figura 3 – Desenho de criança (grifo meu)
Helduentzat egindako hurren marrazkien zentzugabekeriaz
<http://www.guraso.eus/helduentzat-egindako-hurren-marrazkien-zentzugabekeriaz/>

O estudo do tema e sua relevância

Para Mário de Andrade (1975, 69-77) o agradava o desenho, por sua sutileza, uma arte intermediária entre as artes plásticas e a escrita. Segundo Araujo (idem) Mário defende a volta do desenho às Artes Plásticas uma vez que o desenho fora banido da pintura até o início da Arte Moderna, o séc. XX acolhe novamente o desenho destinado apenas aos cadernos de estudos de esboço:

O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica. Creio ter sido Alain quem chegou até o ponto de afirmar que o desenho não é, de natureza, uma plástica; mas se há exagero de sistema numa afirmativa assim tão categórica, sempre é certo que o desenho está pelo menos tão ligado, pela sua finalidade, à prosa e principalmente à poesia, como o está, pelos seus meios de realização, à pintura e à escultura. É como que uma arte intermediária entre as artes do espaço e as do tempo, tanto como a dança. E se a dança é uma arte intermediária que se realiza por meio do tempo, sendo materialmente uma arte em movimento; o desenho é a arte intermediária que se realiza por meio do espaço, pois a sua matéria é imóvel.

E sendo a pintura uma produção subjetiva, Mário defende, ao contrário, que o desenho não sofre de objetividade:

Porque o desenho é, por natureza, um fato aberto. Se é certo que objetivamente ele é também um fenômeno material, ele o é apenas como uma palavra escrita. Nós temos dados positivos para saber que, de fato, foi do desenho que nasceu a escrita dos hieróglifos. Não sabemos como se originou a pintura, mas é muito mais provável que sua primeira conceituação em vermelho no espírito humano, tenha provindo dos rabiscos rituais, em preto, em vermelho, em branco, com que todos os povos primitivos se enfeitam no corpo, para os cerimoniais. Jean de Bosschere faz uma observação muito interessante neste sentido. Diz que o desenho implica de tal forma um desenvolvimento intelectual maior, uma civilização mais adiantada que não é encontrado entre os povos naturais, ao passo que quase todos estes já se utilizam de processos primários de pintura. A afirmação, apesar do seu caráter dogmático bastante errado, não deixa por isso de ser interessantíssima. Não é inteiramente exato que não se encontre) o desenho entre civilizações consideradas ‘primitivas’. São raras é verdade, mas existem, como por exemplo os bochimanos e certas tribos da América do Norte, que usam o desenho às vezes com tanta mestria como os magdalenianos do pré-histórico. Em todo caso, qualquer destes poucos exemplos que lembro agora, tem o desenho misturado ou com a cor, como é o caso dos bochimanos, ou com o sulco escultórico, como nas cavernas pré-históricas. O que se poderia talvez argumentar é que esses povos tenham chegado ao desenho através da pintura e da escultura.

Araujo e Ferreira indagam: “É possível você estar se perguntando, mas, qual é a necessidade de realizarmos um curso para estudar o desenho da criança, e, aliás, por que desenvolver um sítio sobre desenho das crianças da cidade de Guarulhos?”. Desde que o curso foi construído há ações que variam a cada semestre. O grupo de professores traz as suas ações para um diálogo, é um encontro que se faz junto, realizando uma rica troca de

experiências, compreendendo o desenho como expressão e arte.

Todos nós desenhamos em uma fase de nossa vida, e se possível por toda ela, essa é uma das propostas principais: utilizar o desenho em toda a sua potencialidade. Seguindo essas premissas, no ano 2015, como resultado da parceria entre o Laboratório de Arte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo e a prefeitura de Guarulhos, iniciamos o curso para professores de arte e professores polivalentes da educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

O resultado desses encontros culminou no projeto que conversávamos desde 2011: o “Museu Virtual do Desenho da Criança”. o curso apresentou estudos sobre a gramática visual da infância. Combinamos que o grupo de professores proporia às suas crianças que realizassem os desenhos livremente e antassem os procedimentos enquanto desenhavam. Registraram a fala dos desenhistas e muitas vezes a própria criança já alfabetizada fez o registro.

Dessa coleta observaram várias temáticas para futuras pesquisas: a influência da mídia em desenhos de crianças, questões de gênero, medo, violência urbana e familiar, sonhos, desejos, necessidades especiais... Dar voz às crianças que contam sobre a sua cultura da infância, seus modos de enxergar a realidade e criar o imaginário evocava certamente um dos registros mais antigos: o desenho.

A criança desenha para contar histórias em união de pensamento e sentimento, não desenha aleatoriamente. As suas produções adquirem qualidades distintas a partir dos desenhos de ação, imaginação, apropriação e proposição (Iavelberg, 2013).

Ao olharmos para a coleta da educação infantil identificamos muitos desenhos de ação (riscagem aleatória) e imaginação (desenhar o que sabe). Esse momento da imaginação foi pesquisado por Picasso, Paul Klee, Miró, por elaborarem sínteses gráficas únicas.

Para os anos iniciais identificamos mais desenhos de apropriação e proposição. o fato é que o formato escolar impede que as crianças permaneçam propositoras de um grafismo pessoal. Cabe às escolas repensar o seu currículo e deixar-se influenciar pelo tempo e espaço da educação infantil.

Porém à medida que a criança cresce, constantemente notamos as mudanças ocorridas em seus desenhos. Desta forma, em cada idade, a criança apresenta características peculiares e diferentes maneiras de desenhar. Estas maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças. Temos que levar em conta, além das suas

características individuais, os fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais de cada criança. Sendo assim, algumas classificações, a qual verá mais adiante, foram elaboradas para nomear as etapas e os estágios evolutivos do desenho infantil, tendo como base os aspectos sociais, culturais e psicológicos da criança.

Vários autores acreditam que ao se desenvolver os estágios de evolução do desenho na criança, ocorre também paralelamente o desenvolvimento da sua escrita. Estes estudiosos consideram “a evolução das garatujas ao desenho como linha evolutiva direta e reta, mas a escrita com a derivação particular” (SINCLAIR, 1987, p.77). Baseado nesta concepção, Wallon afirma que:

O desenho aparece espontaneamente; seu desenvolvimento baseia-se na interpretação que a criança dá as próprias garatujas. “A escrita aparece como uma imitação das atividades do adulto”. (Wallon apud SINCLAIR, 1987, p.77)

Os professores da rede municipal de Guarulhos, que realizaram o curso, fizeram anotações durante a produção do desenho pela criança e mesmo em conversas posteriores. o tempo do desenho e da escrita redimensionou os espaços da educação infantil ou escolar para o lugar da pesquisa e da descoberta. Em alguns relatos notamos que as crianças relacionaram o desenho com o passado, um futuro imaginado e boas experiências, relembrando lugares, cenas, objetos e pessoas.

Os professores observaram que em alguns casos, por tratar-se de desenho livre, a criança teve dificuldade em criar e sugerem que é preciso encorajar as crianças a criar tendo autoconfiança do que produz. Com crianças menores observou-se o desenho cinético (folhas e pássaros em movimento), e transparência (desenha o interior do objeto, da casa) e com crianças maiores percebeu-se a influência de muitos mangás (desenhos japoneses), a influência dos games, personagens de animações e quadrinhos.

Entre alguns destaques poderíamos citar relatos de desenhos sobre medo e coragem, cenas cotidianas da família, desejos de aventura, lugares queridos, memórias de outras paisagens entre outras representações como: balão, borboleta, arco-íris, tigre, carretas, casa na árvore, a chuva. Essas observações poderiam nos remeter à reflexão sobre a relação desses desenhos com o desenvolvimento da criança e um dos fatores essenciais: a nossa relação, enquanto adultos, de compreensão com o mundo da criança. Realizar esse tipo de coleta é propor a reflexão sobre algo que por muitas vezes é realizado tanto na escola como em todo o espaço vivido pela criança/educando: o registro de um mundo que está em conhecimento e provocando a construção de uma identidade.

A criança é um ser em contínuo movimento, este estado de eterna transformação física, perspectiva, psíquica, emocional e cognitiva, promove na criança um espírito curioso, atento, experimental. Vive em estado de encantamento diante das situações que a rodeiam, diante das pessoas. (Derdyk, 2003, p.10)

E o museu segue a sua trajetória. Mas a proposta é justamente ter um lugar para que as pesquisas possam estar guardadas, e as pessoas possam colaborar e encontrar materiais sobre o assunto, estabelecer parcerias, aprofundar um conhecimento a desvelar. Ter um lugar no qual o desenho da criança seja tão valorizado quanto qualquer trabalho artístico realizado pelos adultos, que possa ser exposto, estudado, apreciado.

Diante da questão de qual lugar é esse que o desenho ocupa dentro da escola? Podemos encontrar muitos educadores, desde o século XIX, realizando pesquisas sobre o desenho infantil, apresentando a sua importância no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Mas será que somente damos destaque ao desenho como criação espontânea e inerente a todas as pessoas, que possuem lugar em determinada fase na vida de todos e depois se esse vai como as brincadeiras de criança? Perdemos o seu potencial como elemento criador e de descoberta de um mundo de símbolos complexos, com cheiros, toques, cores, formas..., todos a serem desvendados por alguém que está descobrindo o mundo? Talvez não seja o momento aqui de discutir o papel da arte na formação cultural brasileira, mas de refletir sobre o lugar da voz das crianças nesse novo lugar. Nas palavras de Iavelberg (2003, p.4) “Na construção da identidade artística das crianças e dos jovens que frequentam as escolas, os professores têm um papel significativo”.

No caso a necessidade pode parecer diferente a diversos olhares que poderiam questionar o papel da Universidade e da escola na pesquisa e o estudo sobre o desenho da criança, sobre a grafia encontrada desde os primeiros traços a momentos posteriores do desenvolvimento da criança.

Pois como afirma Stela Barbieri (2012), em sua publicação “interações: onde está a arte na infância”:

As crianças são sinestésicas, ou seja, todos os seus sentidos estão despertos a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento. Quando acordam de manhã, as crianças já são tomadas por variados interesses: quer subir em tudo, abrir caixinha, brincar, montar, ver tatu-bola no chão, formiga andando, passarinho voando, avião que passa.

A experiência que realizamos é um exemplo da necessária aproximação entre Universidade e rede pública de ensino. Aponta para o lugar de construção coletiva da

reflexão e prática, onde ambos os espaços públicos cooperam para o desvelamento da infância. Toda criança tem o direito à arte e a ser autora de suas criações. Por esse motivo essa primeira coleta representa os seus desejos e falas.

Partindo dos estudos de Bombonato e Farago (2016), consideramos os seguintes autores para a pesquisa: Berson, Luquet, Lowenfeld e Piaget. As imagens utilizadas são esquemas que realizamos com lápis virtual apenas para ilustrar as imagens de referência utilizadas pelos autores.

Marthe Berson (apud MEREDIEU, 1974) analisa três momentos dos rabiscos da criança que intitula estágio:

Estágio Vegetativo Motor (até 2 anos) desenha formas circulares sem tirar o lápis do papel

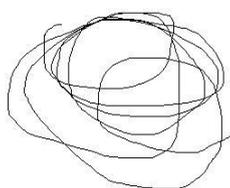


Figura 4: Acervo da autora

Estágio representativo (2-3 anos) levanta o lápis do papel e por isso surgem as formas isoladas

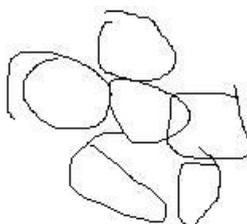


Figura 5: acervo da autora

Estágio Comunicativo (3-4 anos): imita a escrita do adulto



Figura 6: acervo da autora

Com o levantamento do lápis e os desenhos sobrepostos, são novos elementos que

mudam qualitativamente o desenho. Aos poucos começa a perceber que formas, tipos de linhas vão surgindo assim como novos gestos, surgem os ângulos.

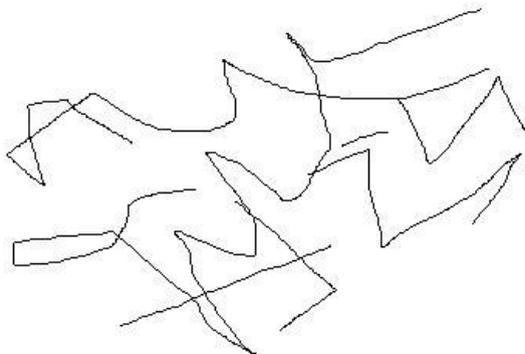


Figura 7: acervo da autora

Aos poucos experimenta novas performances corporais e os seus traços ficam enriquecidos, detalhados e mais complexos. Quando a criança fecha o círculo e experimenta os traços, chamamos de irradiação. Desta forma nasce, mais tarde, a casa, a pessoa. É um desenho gerativo.

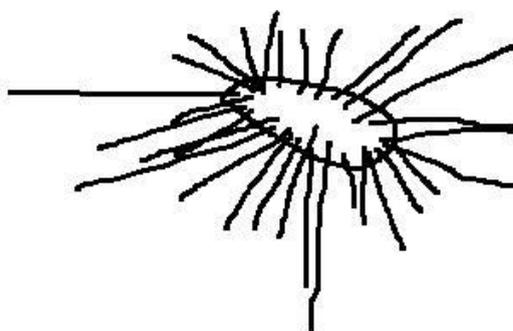


Figura 8: acervo da autora

Descobre que o seu olho comanda a sua mão, o traço. O desenhista percebe que consegue realizar combinações como: “círculos tangentes exteriormente, figuras circulares englobando outras figuras, ovóides secantes, etc.” (MÈREDIEU, 2006, p.30). Por isso os traços aleatórios importam pois a partir de muitos experimentos criarão futuramente os desenhos.

A seguir trago um pequeno recorte de minha memória com as artes visuais, escrevi durante a UC – Unidade Curricular – Fundamentos Teórico-práticos do Ensino da Arte –

Artes Visuais. Nele descrevo como vou desenvolvendo uma maior aproximação com esculturas porém vou experimentando fazeres a partir de modelos prontos como é o caso do bisquit, que critico na passagem sobre desenhos prontos para pintar. Ou seja, todo fazer que envolva materiais usados pela arte, não necessariamente são artísticos quando aquele que faz não elabora o seu próprio olhar, as suas próprias imagens.

É na UC FTPEA – Artes Visuais que exercitamos a procura do nosso traço perdido e reaprendemos a olhar. A partir dessa experiência, se permanecermos em constantes experimentações, desenvolvemos um traço expressivo em alguns meses.

O meu encontro com a arte

Começo citando Vygotsky (1988), o desenvolvimento do desenho requer o domínio motor. Assim a criança começa a perceber que pode representar graficamente um objeto e a relação desenvolvida com a fala existente ao desenhar.

A arte na minha vida teve início marcante aos meus sete anos, já com o domínio motor. Sempre gostei de desenhar e pintar apesar de não ter muita noção de arte, observava as formas e procurava fazer parecido.

Moreira (2009) destaca a importância do desenho livre na Educação Infantil para a fase adulta criativa, em seu estudo explica que toda criança desenha e passa primeiramente por esta fase para depois percorrer a fase da escrita. Esse é o seu modo de comunicar com o mundo. Através do desenho ela expressa seus sentimentos, seus medos, o que está vivenciando no presente da sua vida, é a fase do desenho como linguagem.

Os rabiscos, às vezes, não saíam do jeito que eu queria, mas ao longo do tempo fui me aperfeiçoando. Comecei a gostar quando a minha professora pedia que eu fizesse desenho livre.

Os desenhos eram sempre parecidos, desenhava uma casa pequena e um caminho sinuoso à frente que ia ao encontro da escola, igreja ou outra casa, havia sempre uma árvore, grama e acima um sol sorridente com algumas nuvens.

Depois vieram os anos seguintes na escola e cada vez sobrava menos tempo para me dedicar ao desenho, mas mesmo sem perceber estava eu desenhando na última folha de caderno, mas em quantidade bem menor que antes.

Com o tempo fui conhecendo diversas formas de trabalhar com a arte em sala de aula: como colagem com jornal, com papel higiênico, cestos com palitos de sorvete, colagens com diversos materiais, como por exemplo: algodão, bolinhas de revista, recortes

diversos, cartazes e pintura com diversos materiais.

Aos meus 12 anos, na EPG Adelaide Escobar Bueno, fiquei sabendo que haveria um curso que ensinaria pintura em tecidos, fiquei entusiasmada, pois sempre gostei de pintar. Aprendi a pintar panos de prato e camisetas a partir de moldes vazados, meus trabalhos foram feitos com capricho e renderam elogios da professora e dos alunos. Foi gratificante usar uma camiseta que eu mesma havia pintado!

Depois me divertia pintando caixinhas de madeira, guardo com carinho a primeira que pintei.

Nesse mesmo ano soube que teria que organizar um álbum com personagens da revista em Quadrinhos da Turma da Mônica, lembro-me que meus primeiros personagens foram o Cebolinha e a Mônica. Seguidamente fiz o Cascão, a Magali e o Anjinho entre outros personagens.

A personagem da Mônica foi marcante fiz o desenho em cartolina e pintei com tinta plástica e levei para escola como atividade de educação artística. Tive nesse trabalho a nota dez.

No passar do tempo fui pintando em vários tipos de superfícies, tais como, pedra, madeira, tijolo e disco de vinil. Tudo que fazia eu fazia com gosto visto que pintava como um hobby e tinha o prazer em dar de presente para os amigos meus trabalhos. A minha vida na arte começa a fazer sentido aos meus 18 anos quando percebi que a arte fazia parte da minha vida. Descobri que estava sempre presente em meus hobbies.

Até bem pouco tempo atrás comecei a fazer bonecos em bisquit e gosto muito, sinto que a cada dia aperfeiçoo o meu trabalho, não me esqueço que meu primeiro trabalho com esse material foi uma bailarina que me rendeu muitos elogios e incentivo para continuar.

Não sou artista, mas sinto que melhorei a pintura em minhas esculturas.

Lembro que no começo tive dificuldade em manusear o material, as peças ficavam tortas, borrava a pintura ou secavam rapidamente antes de dar o acabamento desejado, depois fuatentando-me a esses detalhes para que não ocorressem mais.

Os trabalhos de bisquit persistem na vida adulta, juntamente com um outro hábito que adquiri que é o de confeccionar bijouterias, comecei fazendo pulseiras e arrumando meus brincos quebrados, logo comecei a montar colares e correntes.

De acordo com as idéias apontadas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), o desenho como linguagem indica signos históricos e sociais que

possibilita ao homem significar o seu mundo.

Sendo assim, destacamos a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, como um espaço para o viver da infância que promove a apropriação das diferentes linguagens e manifestações expressivas, dentre estas, o desenho, signo dotado de significações.

O desenho (BRASIL, 1998) foi visto por muitos anos, na pré-escola, como uma mera atividade de passatempo, mas ao longo dos tempos essa concepção vem mudando. Mudança em que o professor precisa assumir uma postura questionadora e investigadora, levando a criança a questionar e investigar.

Ao desenhar, a criança brinca e verbaliza seus pensamentos e sentimentos, deixando marcas no papel. Aos poucos ela percebe o lápis em sua mão como um objeto mágico e atua sobre o espaço do papel imprimindo traços.

Quando pega pela primeira vez esse objeto mágico, a criança o experimenta como um brinquedo. Na primeira etapa escolar, toda criança desenha e deixa marcas por prazer. Sempre encontra um jeito e um local para registrar. O chão, a parede e os móveis são muitas vezes destinos escolhidos pela criança pequena.

De acordo com Derdyk (2003) o desenho expressa a vivência e torna-se uma brincadeira que gera prazer. Greig (2004) nomeia esta etapa de “idade de ouro” em que o desenho da criança pequena é impulsionado pelo prazer. Os primeiros desenhos são feitos pelo prazer de riscar para produzir algo no papel.

Por isso, acredito que o papel do professor como mediador é de suma importância, pois auxiliará nesse momento tão importante do desenvolvimento infantil que permeará por toda a vida adulta.

Com essa memória da infância busquei traçar correlatos entre o que imaginava ser arte, o que fiz, as novas aprendizagens e leituras.

Ao olharmos para o texto anterior há um lapso de tempo pois apesar de lembrar-se de fazer experimentações artísticas aos sete anos, o desenho nasce ainda quando somos bem pequenos. Marcas são realizadas quando se é bebê, porém um traço intencional surge por volta de 2 a 2 anos e meio, reflete Araujo⁹. Desenhar seria toda a experiência anterior à escrita.

É portanto o desenho livre que poderá criar estados embrionários de imagens possibilitando uma criança segura do seu mundo imagético imaginário e portanto arredia a

9 Idem

imposição de modelos prontos, reflete Araujo¹⁰. Entre experimentos gráficos, passa a gostar do desenho livre. É Lowenfeld que observa que o jovem depois dos 12 ou 14 anos continuar a desenhar por escolha pessoal. As demais atividades, na maioria de escrita e leitura, tomam o tempo e de acordo com o formato escolar, substitui qualquer processo criativo, de descoberta por preenchimentos incansáveis e desnecessários dos cadernos.

Passa a perceber que os seus desenhos vão ficando iguais “Os desenhos eram sempre parecidos, desenhava uma casa pequena e um caminho sinuoso à frente que ia ao encontro da escola, igreja ou outra casa, havia sempre uma árvore, grama e acima um sol sorridente com algumas nuvens” pois como a escola não sabe o caminho para criar, não oferece um cultivo do desenho. Ao mesmo tempo que todos desejam o desenho livre, muitos ficam desanimados pelo fato do desenho permanecer o mesmo.

Ao mesmo tempo que pintar caixas, camisetas dá uma maior familiaridade com a matéria, perguntamos: o que nesses processos é genuíno e o que é pastiche, cópia, reprodução, clichê?

Mais uma vez a escola dá a senha e a senha é: o que você deve fazer para tirar nota 10? Fazer um desenho pronto e pintar sem sair do traçado. É bem difícil que uma criança tenha desejo de continuar a desenhar já adolescente uma vez que a escola intitula os seus “queridinhos da arte”. Contudo o retorno ao seu traço pode ocorrer a qualquer momento.

Desenhos das crianças no MVDC

Os desenhos elaborados pelas crianças das creches e escolas da PMG envolvem uma preparação dos professores e durante estes anos, o MVDC trabalhou com os estudos teóricos com os professores e ações voltadas a leituras de histórias, observação dos céus, observação dos espaços externos da escola bem como árvores, parque. Vejamos alguns desenhos, apresentados com o nome e idade da criança, seguido do texto elaborado pelo(a) professora(a).

10 Orientações para o Trabalho de Conclusão de Curso



Figura 9 – Kaue, 8 anos

'Eu desenhei algo que gostaria que acontecesse: eu e meu pai andando de skate numa pracinha. Meu pai sai bastante comigo no shopping, casa dos amigos dele... Mas eu gostaria de sair para brincar'.

Professora Kelly Medeiros Cardoso



Figura 10 - Eloisa, 05 anos

Quando Eloísa me mostrou seu desenho, a indaguei sobre a presença dos fantasmas, referindo-me à história que havia acabado de contar. Bem depressa, ela falou 'Não! Aí 'é' eu e a Manu numa floresta'. Manu é uma coleguinha de classe da qual Eloísa é bem próxima.

Professora Sonia Regina Paroni

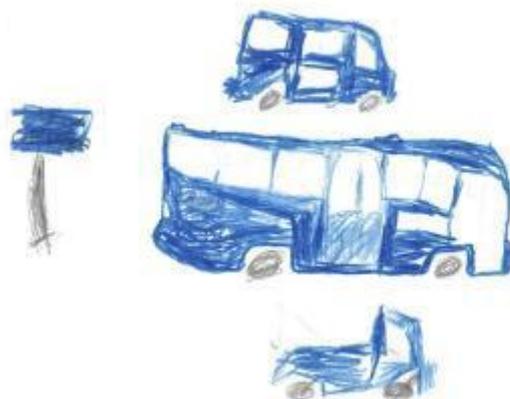


Figura 11 - Yuri, 9 anos

'Eu desenhei uma empresa de 'City Center'. Lá tem vans, ônibus e guincho para rebocar ônibus; e quero ser motorista de ônibus'.

Professora Kelly Medeiros Cardoso



Figura 12 - Amanda, 10 anos

'Eu fiz esse desenho porque eu quis fazer um mundo divertido, diferente, sem tecnologia, mais legal de uma forma que possa fazer as outras pessoas rirem e brincarem o quanto quiserem e você pode escolher chuva ou sol, podendo brincar no guarda chuva gigante e você pode pular no pula-pula invisível, e por isso fiz esse desenho, para alegrar as pessoas. E também esse desenho tem um copo voando, um Sol quindim, é porque é legal e a chuva na cabeça da princesa é de gelatina de vários sabores; apesar de não parecer, a chuva é de

chocolate e por isso que é tudo colorido e divertido, porque é de doce e se chama 'Docelândia', e isso que me inspirou a fazer este desenho'. Professora Kelly Medeiros Cardoso



Figura 13 - Thalita Vitoria, 2 anos

Os materiais utilizados são papel sulfite A4 e canetinha na cor laranja. Thalita preencheu os espaços da folha com movimentos contínuos e circulares. Nomeou o que estava desenhando, dizendo que eram uma bola gigante, uma nuvem e um chocolate. No momento em que desenhava, Thalita sorria e explicava seu desenho pausadamente, e com expressão de alegria, dizia: 'olha que lindo!'.

Professora Bianca do Nascimento Bandeira.



Figura 14 - Thiago, 6 anos

No momento em que realizava a produção do seu desenho, notava-se que Thiago estava muito animado, falava com os amigos e gesticulava o tempo todo, trocando ideias do início ao final da sua criação. Ele realizou um desenho bem peculiar e, em seu relato, diz que desenhou pirâmides e que no topo delas ele e seus amigos estavam empinando pipas. Utilizou diversas cores na pintura do desenho, deixando-o muito alegre e divertido. Percebe-se que em sua composição Thiago usou de sua própria imaginação e criatividade para representar o desenho de forma livre, natural e espontânea. Professora Lígia Cardim Fernandes.

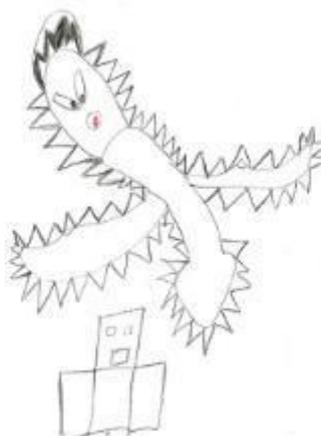


Figura 15 - Cauê Ricardo, 8 anos

Cauê optou por representar dois personagens da animação 'Minecraft'. Em seu relato o educando disse que o jogo desta animação é muito legal, pois o mundo é quadrado, todas as coisas são quadradas e o jogo tem vários objetivos e aventuras, como alimentar o personagem, ganhar pontos, entre outros.

Professora Mariana Roberta dos Santos.



Figura 16 - Vanessa Maria, 11 anos

'Acho que esse desenho me representa: sou fria e calma, mas quando me aborrecem fico parecida ou até pior que um vampiro'. Professora Tatiana Albuquerque Genda.



Figura 17 - Ryan, 9 anos

O desenho de Ryan é bem elaborado e mostra grande criatividade. O personagem que ele criou é um cantor de Funk que vive 'na quebrada?', como ele mesmo disse. O educando relatou que este personagem é ele aos dezessete anos, e que estaria rico e famoso. Desenhou-se com um terno, calça e chapéu pretos e com sapatos bem grandes, desproporcionais ao restante do corpo. Fez também uma tatuagem de caveira no pescoço. Por existir esse interesse de assimilação de regularidades do desenho articuladas à cultura, de acordo com minha compreensão sobre a proposta da teórica Rosa Iavelberg o educando está na fase do desenho de apropriação, pois esta requer domínios de espaço e aproximação

de modelos de imagens existentes (um homem de terno e chapéu). Há um diálogo entre o que ele imagina e a realidade observada.

Professora Lígia Fernanda Di Palma.

Ryan, 9 anos.

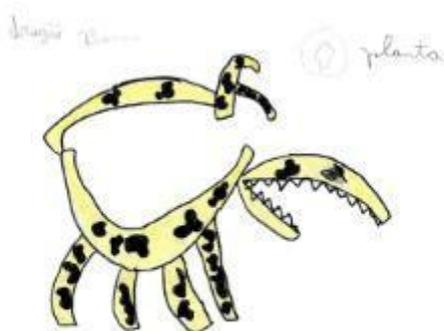


Figura 18 - Rodrigo, 07 anos

'Eu gosto de um jogo chamado Dragão Mania. Você 'poderia' inventar um dragão e aí comecei a inventar meus próprios dragões'.

Professora Tatiana Albuquerque Genda.

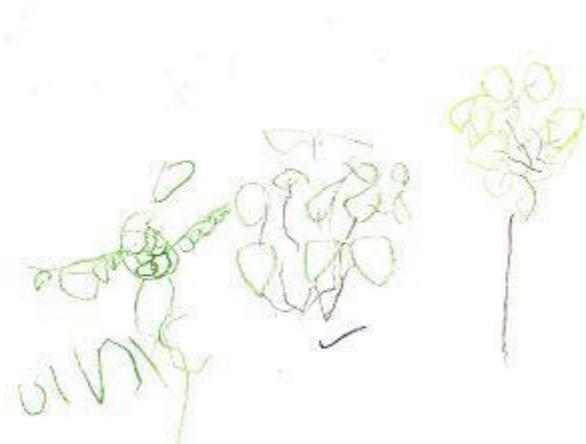


Figura 19 - Vinicius, 04 anos

A partir da proposta apresentada no curso, mostramos para as crianças diversas imagens de árvores. Depois fomos para a área externa da escola onde observamos as plantas e árvores existentes no espaço (de pequeno, médio e grande porte). Cantamos uma canção que fala sobre as características das árvores (tronco, folhas, galhos, raiz). Nossa escola possui um

espaço na área externa, com mesas para realização de atividades, esse espaço fica bem em frente a uma árvore, foi ali que propomos a realização da atividade. Todas as crianças receberam folhas de papel e um pote com diversas cores de giz, ficando à vontade para escolher as cores. O autor desse desenho, Vinicius, de 04 anos é bastante observador e enquanto olhávamos as árvores, ele estava bastante atento. É interessante notar que dentro da simplicidade do desenho infantil, ele utilizou da riqueza de detalhes na ligação de galhos e folhas, de forma transpassada. Ele desenhou uma árvore pequena e rasteira, muito parecida com uma das observadas na escola, bem como uma já desenvolvida, com tronco, galhos e folhas. Habitado a nos ver colocando seu nome ao entregar as atividades ele se antecipou e escreveu seu nome no canto inferior esquerdo.



Figura 20 - Julia – 06 anos

A Júlia é uma criança que adora desenhar, está o tempo todo desenhando alguma coisa, gosta de colocar bastante detalhes em suas produções e também de relatar cada um deles. Nessa produção ela falou que " tinha uma casa com tudo, portas, janelas, telhado, depois começou a chover com raios, trovões, logo depois veio o sol e as nuvens ainda estavam cheias de chuva, as flores começaram a crescer, em cima da casa apareceu o Olaf, perto da árvore estavam a Elsa e a Anna e na casa tinha um porão para guardar as coisas, dai as frutas começaram a nascer". Adorei a riqueza de detalhes, uma graça

Desenhos das crianças no Museu da Criança

Durante a PPP Museu do Desenho criamos o blog Museu da Criança, organizado em Galeria, textos, projeto e contato, disponível em: <http://museudacrianca.wixsite.com/museudacrianca> Neste blog apresentamos o resultado

de nossa pesquisa:

Somos um grupo de alunos interessados em investigar, desvendar, compreender e observar mais de perto a produção de desenhos de crianças e como de . Nosso grupo surgiu através da Prática Pedagógica Programada (PPP) que é uma Unidade Curricular Complementar, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ministrada pela orientadora Profa. Dra. Betânia Libanio Dantas de Araujo. O Museu do Desenho da Criança é um blog que tem como foco educacional disponibilizar para pesquisadores, docentes, discentes e apreciadores uma galeria virtual, composta de trabalhos elaborados por crianças, jovens e adultos.

Os desenhos que compõem este blog foram coletados de forma aleatória por cada integrante a fim de termos contato com trabalhos que nos trouxessem novas perspectivas de realidades, idades, culturas e experiências diferentes.

Equipe: Amanda Delfino Miranda, Ana Cardoso, Carlos Eduardo Camargo, Erika Siotani, Lilia Oliveira Rodrigues dos Santos, Natalia Giannini Queiroz, Paola Oliveira Santos, **Rosangela Rodrigues Vieira de Oliveira**, Stefane Silva, Vinícius Expedito Mena de Oliveira

No blog há textos produzidos pelos colegas e um pequeno texto que escrevi intitulado desenhos na primeira infância, observo que em Lara com 2 anos e 10 meses, o desenho ainda não era simbólico mas sim experiência gestual e sonora (barulho do giz/lápis):

Este trabalho consiste em observar o sentimento, a simbologia do desenho infantil, desde as garatujas desordenadas (2-3 anos) até o desenho cultivado na segunda infância. Lara, 02 anos e 10 meses desenhou garatujas desordenadas, em um dos desenhos por ela criados nomeia como um pato e num outro disse ser o lobo mau e o bicho-papão, outra hora dizia ser a personagem moranguinho, descobrimos em Lara que por sua pouca idade ainda não simboliza, apenas brinca de rabiscar o papel. Sofia, 06 anos desenhou um homem em cima de um cavalo no alto de uma folha de sulfite. Os detalhes do desenho são interessantes, têm um traço forte e quase todo o desenho feito em linha única, observei que sugere um chapéu do cavaleiro, o cavalo não têm as orelhas, deixa subentendido que o cavalo percorreu um caminho, embora não desenhe a linha de chão.
Rosangela Rodrigues Vieira de Oliveira - Aluna

Há uma galeria de desenhos para a primeira e segunda infâncias, deficientes visuais, esqueci de crescer (adultos que continuam desenhando), vídeos e contato.

CONCLUSÃO

Foi mencionado, no início deste texto, o objetivo de analisar a influência do desenho na aprendizagem da linguagem escrita, buscando compreender sua relação com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

O trabalho faz uma reflexão no sentido de proporcionar novas idéias para um estudo mais reflexivo para aqueles que almejam de fato considerar seus alunos como criadores, sem prejudicar a criatividade e sem impor um currículo que não dialogue com as crianças.

Ao compreender o desenho como um meio que contribui no desenvolvimento completo da criança, e entender que a escola é o espaço destinado ao saber e ao desenvolvimento das capacidades superiores do ser humano, considere que a prática pedagógica poderia utilizar este recurso de maneira mais proveitosa ao levar em conta que o desenho contribui na formação da capacidade simbólica da criança, e que o “o simbolismo é a dimensão fundamental do desenho e se vincula mais estreitamente à elaboração da escrita e ao desenvolvimento da conceituação” (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 162)

Assim, com a mediação do professor e partindo das concepções de desenho que trouxemos, acredito que é possível pensar na utilização de práticas pedagógicas que vão além de considerar a escrita como uma habilidade que deve ser adquirida, mas que possibilitem à criança a compreensão e o desenvolvimento da escrita, entendendo-a como “[...] um sistema particular de símbolos e signos cuja dominação prenuncia um ponto crítico em todo o desenvolvimento cultural da criança” (VYGOTSKY, 1988, p. 120), no qual o desenho pode ser um estágio preparatório.

Deste modo o desenho é a sua primeira comunicação escrita, são os seus primeiros símbolos; manifestando aquilo que sente e não propriamente o que vê. Se desde cedo for estimulado a expressar os seus sentimentos, na sua maturidade, talvez possa ser uma pessoa mais confiante e feliz e isso poderá contribuir para melhorar um pouquinho o mundo. Por tudo o que foi pesquisado e apresentado, conclui-se que a proposta da pesquisa é muito importante para a reflexão do educador e a construção de um mundo mais humano e mais feliz, contando com futuros cidadãos conscientes e realizados.

Cabe, portanto, à escola valorizar os momentos de criatividade que as crianças se expressam por meio de desenhos, que manifesta seu conhecimento e aprendizagem, pois é

papel do educador compreender da melhor forma possível seus alunos e ajudá-los a evoluir.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica. Técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo: Loyola, 2003.

ANDRADE, Mario de. Do desenho. In: **Aspectos das artes plásticas no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1975.p. 69-77

BARBIERI, Stela; AILINE, Josca; BAROUKN, Coordenadora; ALVES, corapeto Cristina Maria- organizadora. **Interações: onde está a arte na infância.** São Paulo, blucher, 2012

BARBOSA, Rosemeire Ferreira. **Desenhos para pintar: prática secular e escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura do curso de Pedagogia – Universidade Federal de São Paulo, EFLCH, 2017.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. **As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos.** Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 3 (1): 171-195, 2016
<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf>

BRASIL. 1988 1990 1996
 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil.** São Paulo: Scipione, 1993.
 _____. **O desenho da figura humana.** São Paulo: Scipione, 2003.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** Campinas: Papyrus, 1998.

FONTANA, Roseli A. C.; CRUZ, Maria Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

GREIG, Philipe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
 _____. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

LOPES, Juliana Cassab. **O desenvolvimento histórico do processo do estudo do desenho da criança.** Monografia (Pós-Graduação). Universidade de Franca, São Paulo, 2001. 159 f.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1976

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G.H. **O Desenho Infantil**. Porto: Editora do Minho, 1969

MEC, Ministério de Educação. **Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, 2006.

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

OLIVEIRA, Vera Barros de BOSSA, Nádia (orgs.). **Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1994.

PAIVA, Alcione Vieira de. CARDOSO, Luana Carolina Rodrigues. **A importância do desenho infantil no processo de alfabetização**. 2010. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenhonaalfabetizacao/>>. Acesso em 03/09/2018

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PORCHER, Louis. **Educação Artística: Luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1982.

SINCLAIR, Hermine. **O desenvolvimento da escrita: avanços, problemas e perspectiva**, In: PALACIO, Margarita Gomes; FERREIRO, Emilia. Os processos de leitura e escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

SOUZA, Ana Paula Bellot de. **Evolução do Grafismo na educação Infantil**. Pós Graduação Universidade Candido Mendes Instituto a Vez do Mestre, Rio de Janeiro, 2010. 50 p.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.